



CÂMARA DOS DEPUTADOS

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO SEM REVISÃO

COMISSÃO DO ESPORTE			
EVENTO: Outro Evento	REUNIÃO Nº: 1879/17	DATA: 05/12/2017	
LOCAL: Plenário 04 das Comissões	INÍCIO: 14h27min	TÉRMINO: 16h44min	PÁGINAS: 47

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

SUMÁRIO

Cerimônia de Premiação do I Concurso de Artigos Científicos da Comissão do Esporte.

OBSERVAÇÕES

NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO, SOMENTE PARA LEITURA.



A SR^a APRESENTADORA (Alessandra Müller Gerra) - Boa tarde a todas e a todos. Esta cerimônia de premiação do I Concurso de Artigos Científicos da Comissão do Esporte está sendo realizada em razão da aprovação do Requerimento nº 167, de 2017, de iniciativa do Deputado Ezequiel Teixeira. Agradecemos a presença de todos.

Para dar início a este evento, convidamos para tomar lugar à mesa o Secretário-Executivo da Comissão do Esporte da Câmara dos Deputados, Lindberg Aziz Cury Junior (*palmas*); o Diretor-Geral da Câmara dos Deputados, Lucio Henrique Xavier Lopes (*palmas*), e a Sra. Cláudia Matias, representante da Diretora do Departamento de Comissões da Câmara dos Deputados.

Aqui na primeira fileira, encontram-se os vencedores deste I Concurso de Artigos Científicos da Comissão do Esporte da Câmara dos Deputados. Daqui a pouco daremos início à premiação, e, logo após, cada um dos vencedores fará a apresentação do seu trabalho.

Com a palavra o Sr. Lindberg Aziz Cury Junior, Secretário-Executivo da Comissão do Esporte da Câmara dos Deputados.

O SR. LINDBERG AZIZ CURY JUNIOR - Boa tarde a todos. Boa tarde a todos os vencedores do nosso concurso, sejam bem-vindos, meus parabéns pelos trabalhos que foram apresentados. Agradeço ao nosso Diretor Lucio todo apoio e toda orientação que nos deu durante a jornada de criação desse concurso. Cumprimento a Cláudia, aqui representando a nossa Diretora do Departamento de Comissões, Cida, que também deu à Comissão do Esporte todo o apoio para que pudessemos realizar este concurso.

E aqui quero contar a todos como surgiu essa proposta, essa ideia. O tema esporte, aqui nas comissões permanentes da Câmara dos Deputados, era abraçado pela Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Turismo até 1989. Depois, a Comissão virou Comissão de Educação, Cultura e Desporto. Em 2003, virou Comissão de Turismo e Desporto. Eu entrei na Comissão de Turismo e Desporto em 2010, estou na Comissão desde 2010. Em 2014, ela foi desmembrada, e surgiu, então, a Comissão do Esporte. Hoje existe uma comissão apenas para cuidar dos



assuntos legislativos pertinentes ao esporte. Isso permitiu que, de certa forma, nos aproximássemos mais do segmento esportivo, da sociedade que tanto discute e tanto debate o tema esporte.

E o que surgiu na discussão que tivemos no final do ano passado? Nós precisávamos interagir mais com a academia. Buscando saber como anda a sociedade em termos de produção acadêmica no segmento do esporte, fizemos uma pesquisa, em abril de 2017, e vimos que existe, sim produção acadêmica no campo esportivo, relacionado aos temas esporte e educação, esporte e saúde, esporte e alto rendimento, que são na verdade as manifestações do esporte que constam da nossa Lei Pelé, que é a lei principal, a lei *mater* do esporte.

O número era grande, mas os concursos, a forma de se premiar, a forma de se incentivar, existiam poucas alternativas. Na nossa pesquisa de Comissão, identificamos duas formas de competição em termos de produção acadêmica. Uma é a dos Jogos Universitários Brasileiros.

Pouca gente sabe disso, mas, nos Jogos Universitários, há as competições das modalidades normais, como Basquete, Vôlei, Atletismo, e há uma linha que é produção acadêmica, competição de apresentação de trabalhos. Essa foi uma e existe também uma publicação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte que faz, de ano em ano, uma premiação nesse sentido.

A Comissão do Esporte resolveu entrar em campo, aproximar-se do meio acadêmico. Sempre lembrando: um concurso desse porte precisa da participação de muita gente. Houve a nossa ideia de realizar o concurso. Existe a inspiração, mas precisa existir também a transpiração. E aí nós começamos a interagir e ver a importância que se tem uma Casa como a Câmara dos Deputados de poder se organizar e poder organizar um concurso desse tipo.

Aqui, eu queria agradecer novamente ao Dr. Lúcio, Diretor-Geral da Casa, que nos deu apoio incondicional para que nós pudéssemos realizar esse concurso, à Sra. Cláudia, representando aqui a Diretora Cida, do Departamento de Comissões, que nos deu todo o apoio. Quero agradecer também ao professor Roberto, que é da área do Centro de Treinamento aqui da Câmara dos Deputados, que veio trabalhar



no início do ano na Comissão e que foi a pessoa que fez toda a parte operacional.

Agradeço também ao Deputado Ezequiel Teixeira, o Presidente desta Comissão. Aproveito para informar que era para S.Exa. estar aqui agora, mas houve um problema no voo. O Sr. Deputado vai chegar aqui durante a apresentação do trabalho que vocês vão fazer, mas S.Exa. comprou a ideia de fazer esse concurso.

Preciso agradecer também à Secretaria de Comunicação da Casa, que nos deu todo o apoio, criou essa logomarca, essa imagem fantástica do concurso, que representa o que é o concurso. Preciso agradecer ao nosso Centro de Informática, que nos possibilitou a ferramenta para que nós pudéssemos fazer toda a organização dos trabalhos que foram recebidos.

E o mais importante: preciso agradecer a vocês que fizeram seus trabalhos, a todos aqueles que participaram e apresentaram os trabalhos. Sem vocês, nós não teríamos resultado, não teríamos a produção científica, não teríamos os ensaios, os debates.

Aqui eu quero fazer um apelo para vocês, para que isso não termine por aqui, que nós possamos evoluir nessas discussões e nos trabalhos que foram apresentados aqui. Esses são temas muito pertinentes ao que nós debatemos aqui na Comissão.

Aqui eu quero apresentar também a vocês os mecanismos que a Comissão tem para interagir com a sociedade. Temos audiências interativas, temos o portal Wikilegis, que permite a contribuição para a legislação que está sendo criada e debatida. Então, as audiências interativas são mecanismos em que nós organizamos a audiência e vocês, de qualquer canto do Brasil, podem participar interativamente com perguntas, com perguntas, sugestões, ideias.

Então eu vou explicar mais ou menos aqui como foi organizado este concurso. A primeira etapa foi a criação do sistema *online*, que chamamos de SOAC, que reuniu todos os trabalhos, enfim, recebeu todos os trabalhos, fez uma análise. Foi uma ferramenta extremamente importante. Houve a criação do material de divulgação, como eu disse, pela nossa Secretaria de Comunicação. Abrimos os prazos para a submissão dos trabalhos em setembro, até 25 de setembro, no caso.



Fizemos o julgamento dos artigos no período de setembro e outubro e publicamos os vencedores no início de novembro, no dia 8 de novembro.

O que foi avaliado, então, neste concurso? Estes são os dez itens: título e resumo, justificativa e objetivos, referencial teórico, metodologia, resultados, discussão e conclusões, alinhamento com o tema, atualidade do tema apresentado — que é importante —, contribuição para a Comissão do Esporte. Havia esse objetivo, o de que os trabalhos pudessem contribuir para as discussões que acontecem aqui na Comissão do Esporte. Por fim, a organização geral do artigo também foi avaliada.

O Prof. Roberto foi o organizador, o gerenciador da comissão julgadora com um objetivo muito particular na hora de nós escolhermos os integrantes dessa comissão julgadora. Precisávamos criar uma comissão multidisciplinar. Então, para cada área, para cada tema, Esporte e Educação, Esporte e Saúde, Esporte e Alto Rendimento, sempre foi um objetivo colocar um profissional de educação física, um profissional que tivesse experiência na área de gestão e outro, na área de regulação. Então essa é a composição que foi feita. Na área de Esporte e Educação foi o Prof. Fernando Mascarenhas, que é da UnB, hoje, Diretor do curso de Educação Física da UnB; o Prof. Leonardo, que é especializado na área de regulação, Direito, da Universidade Veiga de Almeida, que é do Rio de Janeiro; e eu mesmo. Na área de Esporte e Saúde, tivemos a Deputada Flávia Moraes — que deveria também estar aqui agora, mas teve um problema se dirigindo da cidade dela, de Goiânia, para cá —, que é formada em Educação Física e representou muito bem esse lado, esse aspecto; o Cassio, que é colega aqui da Câmara dos Deputados, também na área de regulação; e o Prof. José Vicente, que é da UERJ, do Rio de Janeiro, especializado na área de gestão. Então é sempre essa composição. Na área de Esporte e Alto Rendimento, novamente eu participei da banca com o Prof. Miguel de Arruda, que é o coordenador do curso de Educação Física da UNICAMP e o Prof. Pedro Trengrouse, que é da FGV e especialista em Direito e Administração na área do esporte. Então estão aqui apresentados para os senhores a banca, sempre mostrando esse caráter de multidisciplinaridade dos temas envolvidos.



Vamos aos resultados então. Foram apresentados ao todo 23 artigos, sendo 12 de Esporte e Alto Rendimento; 7, Esporte e Educação; e 4, Esporte e Saúde.

Em termos de abrangência, conseguimos razoavelmente uma abrangência nacional. Ficou faltando talvez um aspecto ali no Nordeste do Brasil, nessa faixa central e na Região Norte. Fica, de repente, para os próximos anos, tentarmos contato direto com as universidades dessas áreas para ver se conseguimos trazer mais trabalhos dessas áreas.

Em termos dos participantes, houve um equilíbrio entre os que fazem bacharelado, aqueles que estão fazendo especialização, aqueles que já têm um mestrado e aqueles que já têm um doutorado. Esse era um dos objetivos do trabalho, que era não apenas para segmentar quem já tivesse concluído um mestrado ou um doutorado, mas trazer todos que estudam e gostam do esporte, desde alunos que estão concluindo o bacharelado até aqueles que já estão fazendo pós-doutorado.

Há também outro dado importante. Boa parte da formação dos que apresentaram os trabalhos é da área de Educação Física. Já houve participação de outras formações, como Medicina, Administração, Terapia Ocupacional, mas realmente a grande maioria ainda é da área de Educação Física.

Aqui, de todos os artigos que foram apresentados, essa foi a nuvem de palavras-chaves. Podemos até observar ali que os temas principais, rendimento, esporte, desempenho, políticas públicas, criatividade, jogos, treinamento, educação, crianças, são os temas que foram apresentados no certame deste ano.

Eu quero apresentar para os senhores — ela acabou de ser colocada no ar — a página da revista *E-Legis*, que é uma revista da Casa. O artigo dos senhores foi publicado em uma edição especial desta revista.

Eu quero agradecer aqui a nossa Diretora Cida, que foi quem deu a sugestão para que publicássemos esse trabalho na *E-Legis*, dando uma ampliação, dando créditos para os senhores, dando créditos para nós que estamos organizando o concurso. Isso é o que não estava previsto no regulamento, mas que os senhores ganharam como um bônus, uma homenagem ao trabalho apresentado.



E aqui eu quero só contar para os senhores que fruto do trabalho da organização deste concurso de artigos científicos, a Comissão vai receber nesta semana o prêmio *Sou do Esporte*. A *Sou do Esporte* é uma entidade que atua no Brasil em conjunto com a famosa Play The Game, internacional, e que representa a Play The Game nas questões de governança, nas questões de liderança no esporte. E nós vamos receber, nesta quinta-feira, o prêmio chamado Categoria Atitude Positiva, exatamente pela criação do concurso e por essa interação com o meio acadêmico. Esse prêmio vai ser entregue na quinta-feira, lá no Rio de Janeiro, em um evento que vai ser transmitido, inclusive, pelo Sportv, canal de esporte dos canais Globosat.

Enfim, agradeço aos senhores, agradeço a todos que fizeram deste concurso uma realidade. Vamos trabalhar com muita energia para que, em 2018, possamos organizar o segundo concurso de artigos científicos da Comissão do Esporte da Câmara dos Deputados.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

A SR^a APRESENTADORA (Alessandra Müller Gerra) - Com a palavra o Sr. Lucio Henrique Xavier Lopes, Diretor-Geral da Câmara dos Deputados.

O SR. LUCIO HENRIQUE XAVIER LOPES - Cumprimento a Comissão do Esporte e, sobretudo, o Deputado Ezequiel Teixeira pela iniciativa, pelo ineditismo. Na verdade, a área administrativa da Casa tem o dever, a obrigação de apoiar todas as boas ideias que fazem com que a sociedade se aproxime do Parlamento. Então, muito obrigado pelos agradecimentos, mas, antes de mais nada, é um dever da Diretoria Geral da Câmara apoiar esse tipo de iniciativa.

Eu queria me dirigir agora a vocês que participaram do concurso. Essa aproximação da academia com o Parlamento é extremamente salutar, porque o Parlamento é um verdadeiro megafone da sociedade. Tudo o que acontece aqui acaba reverberando pelo País.

Então, podem ter certeza de que o trabalho de vocês vai ganhar uma publicidade imensa, vai acabar chegando ao público alvo. Neste momento, o Poder Legislativo, a Câmara dos Deputados acaba cumprindo o seu papel de aproximar



peças que têm interesse científico nessa área tão importante para a nossa população.

Permitam-me divagar um pouquinho, veio-me à cabeça Nelson Mandela. Muitos certamente tiveram a oportunidade de ler a sua biografia e de assistir ao filme *Invictus*, um filme belíssimo, que mostra a capacidade do esporte de unir um país, de recriar um país, de fazer com que as pessoas se unam em torno de sonhos.

Esporte não é só saúde, esporte não é só lazer. O esporte também tem a capacidade de aglutinar paixões e sentimento de patriotismo, tão importantes para aumentar a autoestima de um povo.

Todos vibramos com as nossas seleções, como a de futebol, com os nossos ídolos, como Ayrton Senna, com todos os ídolos, que, de certa forma, nos fazem vibrar e lembrar que isso aqui é uma pátria, que isso aqui é um país, que nós somos um povo com objetivo.

Então, quando partimos, por exemplo, para essa questão do alto rendimento, do alto desempenho no esporte, também fazemos com que este País se una em torno de objetivos comuns. Por falar nisso, no ano que vem, já estaremos assistindo à Copa do Mundo e torcendo. O Brasil é efetivamente a Pátria de Chuteiras.

Eu queria dizer que esporte também é educação. Quantas vezes percebemos a possibilidade de inclusão até mesmo social promovida pelo esporte.

Então, quando percebemos uma iniciativa dessas e quando percebemos que vocês da academia se dispuseram a vir ao Parlamento, queremos agradecer a cada um de vocês e premiá-los efetivamente por essa capacidade, pela excelência dos trabalhos que vocês fizeram, pela dedicação.

Eu sou casado com uma cientista, uma pesquisadora, uma professora e sei o quão difícil é exatamente fazer pesquisa, fazer ciência neste País. Por isso, o meu muito obrigado, em nome da Câmara dos Deputados. Essa é a primeira edição, mas vocês sempre contem conosco lá na Diretoria Geral para que esse evento se perpetue.



Que a semente lançada agora com essa premiação se propague e que no ano que vem consigamos atingir todos os Estados do País, que cada vez mais estudantes de bacharelado, mestrado, doutorado ou pós-doutorado se sintam atraídos a publicar e a apresentar as suas ideias e as suas pesquisas aqui no nosso Parlamento. E podem ter certeza, as ideias de vocês, da academia são muito bem recebidas aqui por nós.

Muito obrigado a vocês por terem tido a confiança de apresentem seus trabalhos aqui, na Câmara dos Deputados

Muito obrigado a todos. *(Palmas.)*

A SRª APRESENTADORA (Alessandra Müller Guerra) - Agora tem a palavra a Sra. Cláudia Matias, representando a Diretora do Departamento de Comissões da Câmara dos Deputados.

A SRª CLÁUDIA MATIAS - Boa tarde a todos.

Bom, depois das palavras do nosso Diretor-Geral, não há quase nada a acrescentar, mas eu queria parabenizar, de fato, a Comissão do Esporte, por essa iniciativa e agradecer muito a todos os que se dispuseram a participar desse certame. O simples fato de terem apresentado seus trabalhos já é uma grande conquista para nós da Câmara dos Deputados. Agradeço a vocês, que se empenharam tanto, e parabenizo-os por este momento de vitória, por terem sido premiados, por terem sido escolhidos como os que fizeram os melhores trabalhos.

Mas eu queria também só acrescentar uma coisa: é possível a Câmara produzir notícia positiva. Às vezes a gente vê que só aparece na mídia, na imprensa aquilo de ruim que se faz, não exatamente por aqui, mas que alguns fazem. E a Câmara produz muita coisa boa, como essa iniciativa da Comissão do Esporte, por de permitir essa aproximação, trazer a sociedade para mais perto da Câmara dos Deputados.

Quero salientar o papel que as Comissões têm no processo legislativo e na Câmara dos Deputados. A maior parte do processo legislativo, a maior parte dos debates e das discussões sobre tudo o que ocorre no País acontecem nas Comissões Permanentes e nas Comissões Temporárias.



Então, é muito importante que este canal seja aberto porque isso vai facilitar essa aproximação, para que a sociedade veja — até por meio de vocês que estão participando aqui —, ao fazermos essa rede de comunicação positiva, o que a Câmara tem a oferecer. A Câmara tem a oferecer muita coisa boa, desde que a sociedade se aproxime e participe.

Então acho muito bacana, muito emocionante. Eu me emociono. Eu tenho 30 anos de Câmara e vejo aqui, neste meu dia a dia, quanta coisa boa é produzida aqui, e nem sempre isso repercute na mídia e na sociedade.

Então, eu até me emocionei ao ouvir o Lindberg contando todo esse passo a passo da iniciativa, essa preocupação de fazer coisas boas, de que as Comissões sejam, de fato, um lócus de produção, de debate, de pensamento e de atitudes que possam vir a melhorar a nossa sociedade.

O que melhora o Brasil somos todos nós juntos. Então, este espaço aberto aqui permite que a gente veja a Câmara com outros olhos. Eu espero que vocês possam estar vendo a Câmara com outros olhos, e levem essa imagem positiva de que aqui também se faz muita coisa boa.

Mais uma vez, quero dar os parabéns a todos vocês que participaram, e à Comissão do Esporte, pela iniciativa.

Obrigada. (*Palmas.*)

A SR^a APRESENTADORA (Alessandra Müller Guerra) - Para receber as medalhas e os certificados do I Concurso de Artigos Científicos da Comissão do Esporte anunciaremos nominalmente os vencedores, por categorias.

As categorias são: Esporte e Educação; Esporte e Saúde; Esporte de Alto Rendimento.

Categoria Esporte e Educação.

Terceiro lugar, medalha de bronze. Artigo: *Relação entre Gestão, Mudança de Governo, Efetividade e Continuidade dos Projetos Esportivos Sociais.*



Convidamos para receber o prêmio o autor do artigo, Júnio Braga Borges Silva, de Brasília, Distrito Federal. (*Palmas.*)

Segundo lugar, medalha de prata, com o artigo *O Esporte na Escola Inclusiva: Problematizando a Questão da Competição e Participação no Itinerário de um Projeto Esportivo.*

Convidamos para receber o prêmio o autor do artigo, André Luís Normanton Beltrame, de Brasília, Distrito Federal. (*Palmas.*)

Primeiro lugar, medalha de ouro, com o artigo *Os Planos Plurianuais (PPA) do Governo Federal 2008-2015, para o Esporte e o Lazer: A “Fratura Esportiva” no PELC.*

Convidamos para receber o prêmio o autor do artigo, José Manoel Montanha da Silveira Soares, de Brasília, Distrito Federal. (*Palmas.*)

Categoria: Esporte e Saúde.

Terceiro lugar, medalha de bronze, com o artigo *Uso de Esteroides Anabolizantes e Similares: Um Problema Social e de Saúde Pública*, do autor Clayton Luiz Dornelles Macedo, de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

Convidamos para receber o prêmio a coautora do artigo, Karen Cunha Pachon, de São Paulo, Capital. (*Palmas.*)

Segundo lugar, medalha de prata, com o artigo *Influência de Um Programa de Treinamento de Aquathlon sobre a Coordenação Motora de Crianças.*

Convidamos para receber o prêmio a autora do artigo, Bruna Freitas dos Santos, de Santos, São Paulo. (*Palmas.*)

Primeiro lugar, medalha de ouro, com o artigo *Incidência de Lesões em Atletas Praticantes do Futsal na Cidade de Morro do Chapéu, Piauí.*

Convidamos para receber o prêmio o autor do artigo, Tiago Magalhães Pontes, de Esperantina, Piauí. (*Palmas.*)

Categoria: Esporte de Alto Rendimento.



Terceiro lugar, medalha de bronze, com o artigo *Modelo de Previsão de Desempenho de Triatletas com a Utilização da Análise Discriminante*.

Convidamos para receber o prêmio o autor do artigo, Domingos Rodrigues Pandeló Júnior, de Joinville, Santa Catarina. (*Palmas.*)

Segundo lugar, medalha de prata, com o artigo *Correlação ente os Preditores de Desempenho em Nadadores Universitários em Protocolos de Teste de 100 Metros Nado Livre*.

Convidamos para receber o prêmio o autor do artigo, Bruno Ferrari Silva, de Maringá, Paraná. (*Pausa.*)

A SR^a APRESENTADORA (Alessandra Müller Vidal Guerra) - Como o primeiro lugar na categoria — medalha de ouro —, com o artigo *Mecanismos Alternativos de Financiamento para o Esporte de Alto Rendimento no Brasil*, convidamos para receber o prêmio o autor do artigo, o Sr. Rene Vinícius Donnangelo Fender, de São Paulo. (*Palmas.*) (*Pausa.*)

A SR^a APRESENTADORA (Alessandra Müller Vidal Guerra) - Neste momento, desfaz-se a Mesa.

Convidaremos os vencedores para apresentarem seus trabalhos. (*Pausa.*)

Para darmos início a esta etapa da apresentação dos trabalhos, informo que cada vencedor terá 10 minutos para fazer sua exposição.

A primeira apresentação será, na categoria Esporte e Educação, do artigo classificado em terceiro lugar, medalha de bronze: *Relação entre Gestão, Mudança de Governo, Efetividade e Continuidade dos Projetos Esportivos Sociais*.

O autor, o Sr. Júnio Braga Borges Silva tem a palavra.

O SR. JÚNIO BRAGA BORGES SILVA - Primeiramente quero desejar boa tarde a todos. Eu gostaria de saudar e parabenizar a Câmara dos Deputados. É uma honra estar aqui hoje. Eu fui estagiário nesta instituição e me sinto estar de volta a esta casa. Quero agradecer meus familiares e amigos que vieram prestigiar este momento, que é tão especial para mim.



(Segue-se exibição de imagens.)

Eu vou apresentar o trabalho que se intitula *Relação entre Gestão, Mudança de Governo, Efetividade e Continuidade dos Projetos Esportivos Sociais*.

Eu fiz essa pequena estrutura da apresentação, para os senhores entenderem. Eu vou falar primeiro da introdução e de que contexto em que este trabalho se dá e do porquê desse trabalho. Depois disso, vou falar sobre os referenciais teóricos utilizados; sobre as variáveis, ou seja, o que eu estudei; sobre qual foi o método de pesquisa utilizado; os resultados que eu encontrei; um pouco da discussão; as conclusões; e os referenciais teóricos.

Não vai dar tempo de falar sobre tudo, mas quem quiser pode, depois, olhar no *site* da Câmara e ver o artigo, pois ele estará lá completo.

Esse trabalho se dá por conta de Pedrinho. Pedrinho é uma criança que vive em uma comunidade carente, em situação de vulnerabilidade social, filho de mãe solteira. A mãe de Pedrinho toda vez que vai trabalhar sente muito medo porque deixa Pedrinho sozinho em casa. Às vezes, ela deixa com um vizinho ou com um amigo. Um dia, na cidade onde Pedrinho mora, na sua comunidade, apareceu um projeto, ele começou a participar. A mãe dele se sentia mais segura em deixar o Pedrinho nesse projeto junto com profissionais experientes. Ela não tinha mais essa preocupação de ele se envolver com drogas, ou com alguma coisa na comunidade onde ele mora que é perigosa.

Depois de um tempo, este projeto acaba. Pedrinho sonhava em ser talvez um Neymar, ou um grande jogador. Ele se vê sem um projeto. A mãe dele novamente se preocupa com quem vai deixá-lo.

Tentando responder à dúvida de vários “Pedrinhos”, por que esses projetos continuam e do nada acabam, este trabalho se dá dentro deste contexto. O Brasil desde a sua colonização é marcado por um período de desigualdade e injustiça social que nos acompanha até os dias de hoje. As políticas públicas são uma forma de minimizar esses efeitos. Elas estão presentes nos mais diversos segmentos como educação, esporte, cultura e lazer.



O objetivo dessas políticas sociais é melhorar a qualidade de vida da população, contribuir para uma sociedade mais igualitária, ampliar o acesso de serviço para toda a comunidade. Qual é o problema? Essas políticas não têm uma continuidade. Hoje, vemos uma redução das políticas públicas sociais. No caso do meu estudo foi no Segundo Tempo.

Temos que saber quais são os fatores que afetam as políticas públicas para que possamos assim ter políticas mais eficientes. Há vários estudos quando se pesquisa na literatura, no meio acadêmico, sobre o impacto das políticas públicas sociais. Alguns autores ainda citam a continuidade e a descontinuidade delas como um problema.

Uma vez que este impacto foi medido, e comprovada a sua efetividade, por que essas políticas não permanecem durante o tempo? Esta é a pergunta do meu trabalho. O objetivo foi verificar a relação existente entre gestão, recursos financeiros — estruturais e de pessoas —, mudança de governo e efetividade dos projetos esportivos e seu impacto na sua continuidade.

O referencial teórico. O campo de políticas públicas é um campo multidisciplinar e perpassa por diversas áreas do conhecimento: Economia, Administração, Psicologia, Ciência Política. Existem várias definições hoje do que sejam políticas públicas. Aqui nós utilizamos aquela um pouco mais antiga de Gobert, Muller, que é a do Estado em ação. Ele é responsável por implementar, executar e manter uma política pública.

As políticas sociais surgem nos movimentos populares, na crise entre capital e trabalho do século XIX. Elas são uma parte das políticas públicas. Elas têm influência direta nas dinâmicas sociais. Hoje, temos um conjunto amplo e bastante variado de políticas públicas. Sobre esporte e lazer há duas principais vertentes na economia.

Ele é responsável por movimentar cerca de 1 trilhão de dólares por ano. Tem tido um crescimento maior que o PIB. O Governo brasileiro investiu cerca de 1,9 bilhões. As pessoas veem no alto rendimento uma forma de se profissionalizarem e manterem uma carreira, uma profissão. Parte daquele investimento do Brasil se deve aos megaeventos que tivemos aqui como a Copa do Mundo e as Olimpíadas.



Na parte social ele é responsável por gerar hábitos saudáveis nas pessoas que o praticam. Além disso, ele melhora a saúde. Há a parte social como foi bem falado aqui pela Mesa. Ele rompe as fronteiras da desigualdade social.

Isso aqui é um pouco da estrutura do Ministério do Esporte, que é um pouco antiga, não existe uma nova, e o atual Ministro é o Fernando — não me lembro do sobrenome dele.

Eu pesquisei sobre o Programa Segundo Tempo. Ele foi criado em 2003, é uma iniciativa do Ministério do Esporte destinada a democratizar o acesso e a prática à cultura do esporte educacional, promovendo o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens como fator de formação, cidadania e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente daqueles que se encontram em arenas de vulnerabilidade social, e regularmente matriculados na rede pública. Então, é importante ressaltar que ele tem o objetivo de ser esporte educacional, para crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, matriculados na rede pública.

Sobre a continuidade das políticas públicas: elas estão presentes no discurso acadêmico, hoje se fala sobre isso na Academia, sobre essa continuidade, e essas políticas apresentam alguns desafios. Elas precisam ser flexíveis, porque as demandas da população são diferentes; necessitam ter efetividade, então, é preciso se criar uma política que, de fato, cumpra com o seu papel; e é preciso que haja o envolvimento e a cooperação de todos os agentes da política pública.

Cardoso fala que precisamos sumarizar aquilo que já sabemos que existe de sucesso e de fracasso em uma política, para que não cometamos erros e otimizemos os seus sucessos.

As variáveis desse estudo são recursos financeiros, recursos humanos, recursos estruturais, o gerenciamento, a mudança de Governo e a efetividade, como esses fatores influenciam na continuidade dos projetos.

Método de pesquisa: essa foi uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo exploratório-descritiva, e teve uma abordagem quantitativa e qualitativa, quantitativa nas entrevistas e qualitativa na análise do programa.

O objeto de estudo da pesquisa foi o Programa Segundo Tempo, com uma amostragem por conveniência. Foram criados dois instrumentos de coleta de dados,



sendo uma para as entidades que recebiam, que implantavam o Programa Segundo Tempo e um para o próprio Ministério do Esporte, contendo as variáveis desse estudo que são gestão financeira, estruturais, mudança de Governo e efetividade. Havia um questionário com 20 questões, sendo que 17 delas eram de igual teor tanto para o Ministério quanto para as entidades conveniadas; e 8 questões específicas para cada um.

Os resultados: segundo um dos entrevistados, o Programa Segundo Tempo é, no âmbito social, o principal programa do Ministério tanto em renovação de recursos quanto em abrangência. Nesse discurso, a gente vê a importância que o Segundo Tempo tem tanto para o próprio Ministério quanto para a sociedade. E isso a gente consegue refletir através dos números do Segundo Tempo durante todo esse tempo de existência dele. São poucos os resultados, quase 4 milhões de pessoas atendidas.

Sobre os resultados, eu tracei um marco histórico, conforme encontrado nas entrevistas. Então, em 2013, nós temos a criação do Programa, só que ele só começa a valer de fato em 2014, no Plano Plurianual de 2014 a 2016. Em 2017, ele sofre algumas reformulações, mas o seu foco se volta para o esporte educacional, e o Ministério faz parcerias com universidades para avaliar os Programas, então, ele começa a trabalhar em conjunto com as universidades.

Em 2016, o programa faz parceria com o MEC, com o Programa Mais Educação, a fim de ser disponibilizado para uma maior quantidade de pessoas. A partir de 2011, somente entidades públicas podem pleitear esse convênio, podem receber o convênio, e parte disso se deve por um desvio que vinha ocorrendo por parte de outras entidades, o que acabou prejudicando a imagem do programa durante esse ano, mas eles conseguiram (*ininteligível*) isso. Em 2015, se esperava que fosse criado um sistema nacional do esporte e lazer para fortalecer o esporte e o lazer. Em 2017, surgiu esse novo manual e ele passou a abranger somente entidades públicas.

Uma coisa muito boa também é que quando ele se iniciou foi feita uma parceria com o Programa Mais Educação, que era um projeto com ex-presidiários, que construía o material.



Aqui (*mostra gráfico*) vemos uma relação que eu fiz durante todos os anos, de 2013 a 2017, com a porcentagem, a representatividade das entidades, os agentes da sociedade que faziam convênio. Então, em primeiro lugar a gente tem o Município sendo o maior responsável por fazer o convênio com o Ministério e receber o programa. Depois, a gente tem as ONGs. Então, elas tinham um peso bem representativo. Depois, o Governo Estadual, o Governo Federal e a emenda, respectivamente.

Depois disso eu fiz uma relação para saber a quantidade de pessoas atendidas. Então, não muda muito. O que difere aqui, é que o municipal tem menos.

É isso gente. Obrigado.

Depois, se vocês quiserem ver o trabalho, está tá (*riso*). (*Palmas.*)

A SR^a APRESENTADORA (Alessandra Müller Guerra) - Segundo lugar, medalha de prata. Artigo: O Esporte na Escola Inclusiva: Problematizando a Questão da Competição e Participação no Itinerário de um Projeto Esportivo.

Autor: André Luiz Normanton Beltrame.

Com a palavra o autor.

O SR. COORDENADOR (Lindberg Aziz Cury Júnior) - Vou dar só um aviso a vocês que vão falar. Quando a campainha soar, vocês têm mais 30 segundos para concluírem o raciocínio e terminarem a intervenção. (*Risos.*)

O SR. ANDRÉ LUIZ NORMANTON BELTRAME - Posso me sentar ao seu lado aí?

O SR. COORDENADOR (Lindberg Aziz Cury Júnior) - Onde você quiser.

O SR. ANDRÉ LUIZ NORMANTON BELTRAME - Este espaço aqui para mim é melhor porque eu não trouxe apresentação. Eu quero falar olho no olho aqui com vocês, meus colegas de educação física, com o Roberto, que nos ajudou muito durante este processo. Sem o Power Point para mim é melhor. Prefiro falar daqui.

Eu falo do chão da escola. Eu trago a vocês aqui uma avaliação de um projeto realizado em uma escola do Distrito Federal. Uma escola que, dentro do cenário atual, remete-nos a questões políticas mais abrangentes. Uma escola que está dentro de um cenário que tenta, em certa medida, desqualificar algumas contribuições históricas que nós temos.



Eu faço isso me posicionando em favor da escola, da pesquisa e da possibilidade de a gente sempre ter um espaço para discutir, porque eu acho que é por esse caminho que a gente consegue, além de trazer evidências, buscar resultados para aquilo que a gente vai pleiteando.

É importante salientar que a escola de onde eu estou falando, a escola brasileira, segundo o último Censo, publicado em fevereiro 2007, é uma escola que para o público que eu fiz a pesquisa ainda é carente. É carente de banheiro; de coisas básicas; carente de acessibilidade, rampas, calçadas etc. Além disso, nós professores de educação física temos um cenário onde boa parte das nossas escolas ainda sequer tem uma quadra coberta. Então, é desse cenário que eu falo a vocês.

Para além disso, dentro da escola nós ainda dialogamos com certos problemas que são ligados à formação. Segundo esse mesmo Censo, algo em torno de 20% das aulas de educação física ainda são dadas por professores que não têm formação em educação física. E parte desses 20%, infelizmente, sequer tem uma formação superior.

Então, a partir disso eu faço a minha pesquisa, dentro de um projeto, como eu disse, em que dialogamos. O projeto trabalhava o processo de inclusão. E a gente procurou verificar dentro desse processo em que medida esse processo de esporte estava ligado ao esporte na sua vertente competição, e a gente destaca que é competição quando está dentro de uma estrutura que guarda relação com busca por resultados, treinamento esportivo e todo aquele itinerário de que o esporte competição necessita, ou ao esporte participação, que é o esporte comunitário, que trabalha o processo lúdico, o processo de socialização.

Dentro do Distrito Federal, em suas mais de 600 escolas, todas as escolas do Distrito Federal são escolas inclusivas desde 2003, há esse projeto. Esse projeto chama-se Projeto CID Paralímpico. O CID significa Centro de Iniciação Desportiva, e o nome paralímpico é apenas por conta da idealização das pessoas que naquele momento fizeram o projeto. Não há nenhuma ligação com o Comitê Paralímpico, embora participe de algumas de suas competições.

Compõem o projeto 16 professores. Para quem não é de Brasília, nós temos aqui cidades-satélites. Esses professores percorrem-nas para atender os alunos.



Nós conseguimos buscar informações de 10 professores desses 16. Além de 10 professores, nós fomos à busca dos outros 10 coordenadores e conseguimos 4 que nos deram algumas informações.

Na corrida do tempo, eu tenho que olhar o relógio. Quando nós chegamos perto desses dez professores e desses quatro coordenadores, nós fizemos um reconhecimento de campo. Esse reconhecimento de campo é um objeto tácito dentro do conteúdo de pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa não busca muito números, embora esses números façam parte de documentos, alguns cenários em que a gente busca as suas configurações. Mas a gente busca, sobretudo, o contexto em que aquilo é aplicado, através de entrevistas, das narrativas, das percepções e de como essas percepções vão se concebendo. No caso, a gente estava vendo se era mais para o lado do esporte competição ou do esporte participação.

A gente conseguiu observar que era um projeto que tinha, dentro do seu do seu arcabouço teórico, o objetivo simples de atender, dentro do processo de inclusão, pessoas com deficiência em contraturno escolar. Para quem não sabe, o contraturno escolar é quando o aluno estuda no turno matutino e tem direito a praticar o projeto de esporte no turno vespertino. Esse projeto teria a ideia geral de ajudá-lo, de potencializar um aprendizado que o ajudaria no horário do ensino regular. É simples assim.

Dentro do itinerário desse projeto, nós observamos inicialmente dois pontos que se encaixam dentro dos nossos resultados. O primeiro deles: a gente percebeu que os professores atendiam essencialmente alunos que eram de escolas regulares e alunos que poderiam ir para competições. O segundo ponto: os professores trabalhavam, nas suas atividades pedagógicas, apenas, desculpem-me, majoritariamente com atividades esportivas que tinham caráter competitivo, que eram competições formais e adultas, como a gente classificou.

No primeiro cenário que a gente acabou observando dentro de escolas regulares e para alunos voltados para competição, uma das narrativas para nós foi meio emblemática para nós. Um dos professores registrou o seguinte: *“Nós escolhemos alunos. Os nossos alunos são escolhidos com base na competição, porque, do contrário, nós não temos como levá-los. Alunos de ensino especial,*



alunos com mais limitações, não fazem parte do nosso projeto e, no caso, devem ser afastados das nossas pretensões”.

Isso foi emblemático, porque, em certa medida, todos os coordenadores das reuniões de que nós participamos, em tudo o que a gente percorreu ali dentro, falavam essa mesma linguagem. Nessa caminhada, outro professor falou o seguinte: *“Alguns alunos têm que ser afastados mesmo. Por quê? Porque eles são do ensino especial”.* Isso apenas reforça o que o primeiro falou. *“Para eles deve haver outro tipo de projeto que atenda essa realidade.”*

A gente, num primeiro momento, questionou um pouco esse projeto. Remetendo-nos novamente à questão do arcabouço teórico dele, questionamos se aquele projeto realmente estava trabalhando questões ligadas à inclusão.

Num segundo momento, dos resultados, a gente percebeu que apenas dois professores trabalhavam, em suas atividades pedagógicas, questões ligadas à escola regular em um evento escolar dentro da escola — apenas dois dos dez. Dos quatro coordenadores, apenas um compactuava com essa ideia de trabalhar dentro da escola. Dos que compactuavam, uma narrativa nos foi importante dentro desse processo debate. Ele falou o seguinte: *“É fundamental que nossos alunos participem de atividades ligadas à escola; caso contrário, assumindo uma série de competições no nosso calendário, não sei realmente qual é a nossa função dentro do sistema escolar”.*

Infelizmente ele era minoria. O que prevalecia na maioria era o que disse outro coordenador: *“O projeto não é para brincar, e a competição é uma grande vitrine para o status do projeto, até porque eles”,* no caso, alunos/atletas, *“voltam para a escola para se mostrarem campeões”.*

Então a gente vê a questão do esporte competição, a questão do orgulho, da representatividade tomando conta de um projeto que, no seu arcabouço teórico, deveria trabalhar questões ligadas à inclusão. De outra maneira, seria como dizer que é apenas ensinar o esporte para as pessoas. O uso que elas iam fazer do esporte poderia até ser a competição, mas não necessariamente teriam que carregar aquilo como uma obrigação.

A gente caminha para a conclusão considerando o seguinte: que o projeto vai assumir discursos que não conseguem se sustentar a partir de sua estrutura atual,



no caso, ao considerar o esporte competição. Em outros termos, se afasta de uma perspectiva de formação para o reconhecimento do esporte em âmbito lúdico e participativo ao assumir essa ideia de competição.

Reconhecer esse projeto no plano educativo como esporte participação vai corroborar para a socialização e participação de mais pessoas nas suas ações, pois vai trabalhar em função de uma inclusão efetiva de seus participantes e não na busca unicamente do rendimento esportivo.

É isso. (*Palmas.*)

A SR^a APRESENTADORA (Alessandra Müller Gerra) - Concedo a palavra ao 1º Lugar (Ouro), com o artigo *Planos Plurianuais — PPA do Governo Federal, 2008 a 2015, para o esporte o lazer: a “fratura esportiva” no PELC*, José Manoel Montanha da Silveira Soares, do Distrito Federal.

O SR. JOSÉ MANOEL MONTANHA DA SILVEIRA SOARES - Boa tarde a todas e a todos! Quero dizer que eu vou ser breve porque eu estou com um pequeno problema de saúde. Peço a todos que me perdoem, porque vou ter me retirar um pouco antes.

Eu também não trouxe uma apresentação formal, mas fiquei muito feliz com a apresentação dos colegas. Quero parabenizar também o Júnior, o André e todos que os que estão aqui. Queria dizer que este é um momento especial, porque — eu estava conversando sobre isso com o André — é a oportunidade que nós temos de falar um pouquinho mais sobre o trabalho que nós fizemos de maneira que nós consigamos alcançar, talvez, um espaço, além do espaço acadêmico. Eu penso que a produção desse trabalho, enfim, desse esforço coletivo para chegarmos aqui, tem um pouco da nossa história, da nossa história de vida, das escolhas que nós fizemos. Esse trabalho — eu até estava pensando ali — tem um título comprido e parece que quer dizer muita coisa, mas, na verdade, ele se propôs a fazer essa fratura esportiva das políticas públicas voltadas para o esporte e para o lazer.

No meu caso específico, trabalhei numa perspectiva do esporte de não rendimento, um programa voltado para uma parcela da população que nós sabemos que historicamente está alijada das políticas.

Eu sou formado em Educação Física e faço um grande esforço para ser um grande crítico da minha área porque eu acho que nós vimos historicamente



endossando também uma maneira de ver o esporte como quase que uma tábua de salvação para tudo. E aí eu sou severamente crítico, porque eu acho que o esporte, assim como qualquer outra manifestação cultural, reproduz, sim, desigualdades, reproduz valores os quais nós condenamos. Então essa defesa quase que cega do esporte que tira criancinhas das ruas, que salva das drogas, eu acho que nós temos que ter muito cuidado, porque o que nós estamos vendo, na verdade, é uma lógica de reprodução do esporte. E aí, claro, eu vou falar do esporte de alto rendimento, porque é ele que está na mídia, é ele que está dentro dos grandes meios de comunicação de massa e que convence a população de que esse esporte tem esse papel. Ele até pode ter, mas o que nós temos acompanhado, o que nós temos visto é que o esporte de alto rendimento também traz consigo grandes mazelas, assim como o uso de drogas, a exclusão das crianças. Nós que somos professores — eu sou professor da rede pública aqui do Distrito Federal, assim como o André — vemos que o outro lado da moeda também não é nada muito animador. E eu não quero ser um defensor cego, como, por exemplo, dos megaeventos esportivos.

E aí eu pergunto para vocês: o que ficou de fato? O que nós temos de fato? Essa matemática fecha? Essa conta fecha neste País de potência olímpica? Quem sou eu para ser contrário, mas essa conta vem fechando? O que será que nos move nessa busca incansável, incessante? O que está por trás dessa propaganda toda e de tudo o que nós vimos depois dos grandes jogos e dos grandes eventos esportivos? Está aí diariamente para quem quiser ver o que aconteceu de fato, quem chegou de fato. Que preço nós pagamos em termos sociais para termos esses jogos e toda essa pirotecnia esportiva? Para nos colocarmos no mercado mundial? Será que é essa a questão?

Então a minha análise vai em cima de uma política que vai se voltar para aquela população que não aparece. Quando o PELC — Programa Esporte e Lazer da Cidade foi criado no início dos anos 2000, sua preocupação sempre foi atender a parcela da população que não tinha acesso a um direito social que estava previsto na Constituição.

E nós vemos, de fato, que o orçamento voltado para o Programa Esporte e Lazer da Cidade vai minguando ou vai a reboque de outras escolhas, que são escolhas políticas. Quando nós vemos o orçamento aumentando 10 vezes para os



esportes que estavam em vésperas dos grandes eventos esportivos, dos megaeventos esportivos, nós não podemos ser ingênuos de achar que é só isso, são só esses jogos e, a partir disso, não vai manar nada disso. O que nós ganhamos com esses jogos de verdade?

E aí eu questiono: um País continental como o nosso, com mais de 5 mil Municípios, que precisaria dessas políticas para construir nas cidades pequenas uma quadra esportiva, um trabalho feio por profissionais do lazer ou por um professor de Educação Física. Eu tenho minhas dúvidas e, às vezes, até acho que é próximo de duvidar, se o que nós vemos é isso que chama tanto a atenção, realmente atende essa população, e não outros interesses sobre os quais eu não vou entrar no mérito. Mas eu posso dizer que os interesses do capital podem estar por trás disso com muito mais força. E aí nós vamos traduzir isso de diversas formas. Mas essa população, a população do Norte, do extremo sul, do Nordeste, do Centro-Oeste que realmente precisa ter acesso às políticas de esporte e lazer, que nós chamamos de cultura corporal, as crianças, os idosos, os jovens, pouco acesso têm tido.

E o que nós percebemos nesse programa é que ele também acabou se perdendo, em grande parte, em função dessas políticas que nós não acreditamos. Para mim, José, particularmente, essa conta não fecha. Brasil, potência olímpica, me diz muito pouco. A quem realmente merece chegar? Aos jovens negros, às crianças que vivem nas periferias. Não vou ser piegas aqui de dizer que esporte tira criancinha das ruas. Não sei se eu quero tirar as crianças das ruas. Eu acho que a rua é um lugar de todas, inclusive de todas as crianças. Então, criar essa redoma é uma grande ilusão. Infelizmente o que nós temos visto é que o esporte tem sido usado de uma maneira formidável para reforçar e para reproduzir essas desigualdades

Era o que eu tinha a dizer.

Obrigado. (*Palmas.*)

A SR^a APRESENTADORA (Alessandra Müller Gerra) - Na categoria Esporte e Saúde, o terceiro lugar, com a medalha de bronze, com o artigo “O uso de esteroides, anabolizantes e similares: um problema social e de saúde pública”, o Sr. Clayton Luiz Dornelles Macedo, representado pela autora, Karem Cunha Paixão.



Com a palavra a coautora.

A SR^a KAREM PAIXÃO - Boa tarde. É um prazer imenso poder estar aqui com vocês hoje, com os meus colegas premiados também. Parabéns a todos! Muito obrigada, Lindberg; obrigada a toda a comissão organizadora, a Miranda. Obrigado a todos que imaginaram um dia fazer um concurso como este. Hoje nós estamos aqui graças a isto. Muito obrigada a todos. Obrigada aos meus familiares que vieram e a todos os outros que não vieram e gostariam de ter vindo. Acima de tudo gostaria de agradecer ao Dr. Clayton.

Dr. Clayton é o grande idealizador do nosso projeto junto com a Dra. Andrea Fioretti. Eles são os dois endocrinologistas do nosso ambulatório. Eles me chamaram para montarmos um time e desenvolvermos este projeto. Eu sou a médica do esporte desse time. Somos três autores que desenvolveram este programa que vou mostrar para vocês hoje.

Bom, vamos lá. Nós estamos dentro da Universidade Federal de São Paulo. Nós temos um serviço de medicina esportiva gerenciado pelo Dr. Moises Cohen. Neste serviço temos um ambulatório de endocrinologia do exercício e do esporte. Nosso projeto traz à tona este tema, que é um tema bastante discutido hoje em dia, o uso dos esteroides anabolizantes e similares como um problema social e um problema de saúde pública atualmente.

Eu vou fazer uma breve introdução sobre essa questão só para levantar provavelmente conceitos que vocês mesmos já tenham no consciente e subconsciente de vocês. Estas drogas melhoradoras do desempenho são usadas de longa data no esporte de alto rendimento. A maioria das pessoas conhecem as testosteronas como as principais antes dessas drogas, das PEDs, o termo em inglês.

Estas drogas foram transpondo as barreiras do esporte de alto rendimento. Hoje nós temos o que nós conhecemos na literatura internacional como as PEDs, as drogas melhoradores de desempenho e da aparência. Transpondo a barreira do alto rendimento, as drogas, os esteroides anabolizantes e os similares, como, por exemplo, os GHs, estão inundando a sociedade e o indivíduo comum para não só ganhar desempenho em categorias recreativas ou amadoras de esporte, como simplesmente pela aparência e para entrar em um mundo em que hoje se questiona



qual seria o perfil e a imagem ideal a que nós estamos sendo submetidos nas redes sociais, enfim na mídia como um todo.

Eu trago para vocês algumas estatísticas. Nós temos aqui qual é a prevalência global, esse é um trabalho que nos traz a prevalência global do uso de esteroides anabolizantes, e nós temos aí 6,4% de homens no mundo utilizando esses tipos de substâncias e 1,6% de mulheres que também fazem uso dos esteroides/ anabolizantes. Em geral, nós temos 3,3% da população mundial utilizando essas drogas.

Qual é a população mais suscetível? Esmos vendo que as crianças e os adolescentes estão sendo cada vez mais instigados a usar esse tipo de substância. Nós temos, por exemplo, nesse trabalho que foi realizado nos Estados Unidos, com 6 mil adolescentes, 12,6% dos que faziam uso dessas substâncias se achavam abaixo do peso. Normalmente, são os mais suscetíveis a iniciar o uso desses esteroides/anabolizantes; 11,9% se achavam acima do peso. Normalmente, os extremos são a população mais suscetível. Chamamos novamente a atenção para os adolescentes como população muito vulnerável ao uso dessas substâncias.

Esse outro trabalho, também americano, mostra em que esferas o uso dessas substâncias é mais comum. Em primeiro lugar aparece o esporte, que chama bastante a nossa atenção, o esporte recreativo com 18,4% e, logo abaixo, os atletas, com 13,4%.

Recuperando o que eu havia dito no início da nossa apresentação, transpondo as barreiras do esporte de alto rendimento, nós estamos, em primeiro lugar, com o esporte recreativo no uso dessas substâncias aí. Isso porque toda a nossa epidemiologia para a população geral é absolutamente subestimada, nós não temos esses números nas academias espalhadas pelo País quanto ao número de adolescentes que estão fazendo uso dessas substâncias.

Vou chamar a atenção para o que nós enxergamos lá na universidade. Nós vemos a repercussão disso. Recebemos aí, diariamente, pacientes que sofrem com algumas consequências do uso dessas substâncias de forma indiscriminada, normalmente, com doses supra-fisiológicas, e levando-se em consideração que eles misturam muitas drogas. Nunca usam somente um só esteroide/anabolizante, mas misturam drogas, fazem empilhamentos, fazem, normalmente, uso de drogas para



lidar com os efeitos colaterais dos esteroides/anabolizantes. Por exemplo, você usa um esteroide/anabolizante que vai causar uma ginecomastia, um aumento da mama no homem, e ele realmente não quer isso, e aí ele começa a usar outras drogas para não surgir esse efeito colateral, enfim, ocorre perda de cabelo, além de uma série de outras questões, como, por exemplo, o hipogonadismo. O hipogonadismo é um dos problemas que nós da endocrinologia do exercício, lá na Medicina Esportiva, mais enfrentamos. Quando esses usuários tentam parar de usar essas drogas, então, eles fazem os seus ciclos, e quando eles tentam parar de usar essas drogas, eles se veem frente a um bloqueio do eixo hipotálamo-hipófise-gonadal, que daria o comando para o seu corpo produzir essas drogas naturalmente. E aí, infelizmente, por conta do uso externo, o próprio corpo não as produz mais, e como não as produz mais, a pessoa começa a enfrentar uma série de efeitos colaterais como infertilidade, diminuição da libido, depressão, ansiedade, humor deprimido, uma série de sintomas. E o que mais está acontecendo, principalmente na população cada vez mais nova que faz uso dessas drogas, é que eles não conseguem lidar com isso. E aí eles voltam a fazer uso das drogas. E atualmente o problema que enfrentamos é o da dependência. Temos pacientes que estão há mais de 10 anos fazendo uso dessas drogas, e não conseguem parar.

Nós temos trabalhos na literatura mundial que nos trazem a clara evidência de quanto o mundo, como um todo, tem sofrido da dependência dessas drogas, porque é muito difícil enfrentar, depois, a realidade do corpo quando não se está sob o uso desses melhoradores mágicos.

Enfim, eu trago para os senhores algumas soluções que nós pensamos, no nosso meio, e que nós achamos que seria extremamente importante trazer informações para as pessoas. As pessoas têm que entender o que está acontecendo, quais são os reais problemas, as trombozes que isso pode gerar, os riscos cardíacos, a própria questão da dependência, o hipogonadismo, a infertilidade. Tenho certeza que aqui nesta sala quantas pessoas não conhecem algum casal que não conseguem engravidar, e no meio dessa epidemiologia sempre existem algumas pessoas que fizeram uso dessas substâncias, em algum momento da vida, e às vezes sofrem, até 5 anos depois, com a repercussão do uso delas.



Nós temos então um programa, inicialmente intitulado como Apolo, e ele traz a educação, a conscientização e o tratamento das pessoas que fizeram uso ou fazem uso e que estão sentindo a repercussão ruim dessas substâncias. Este é o nosso ambulatório, que recebe as pessoas, dentro de protocolos muito bem montados e interdisciplinares. Nós temos nutricionistas, psicólogos, educadores físicos. Os educadores físicos nos ajudam muito ao montar treinamentos e os nutricionistas elaboram dietas para tentarmos chegar a alguma alternativa ao uso dessas substâncias.

Além disso, temos todo um material, um programa nacional, uma campanha nacional que estamos lançando no sentido da prevenção do uso dessas substâncias. Nós informamos as pessoas e o nosso objetivo é prevenir o uso dessas substâncias de forma abusiva e absolutamente indiscriminada. Todo esse programa foi montado com base em experiências internacionais, que vieram dos Estados Unidos, do Canadá, da Finlândia. Pegamos vários exemplos do mundo inteiro. Nós recebemos o apoio da YIR, que é a maior empresa publicitária do País, se não a maior, uma das maiores, e eles estão nos acolhendo, numa ajuda totalmente de cunho social, sem nenhum retorno financeiro, e estamos montando toda essa programação para desenvolver essa campanha nacional de conscientização.

Agradeço muito ao Dr. Clayton, meu querido mestre. Realmente foi um prazer enorme poder recebê-lo, bom, é este aqui de paletó e gravata, que é o grande idealizador do projeto; e também o Dr. Moisés Cohen, que é o Chefe do nosso serviço e que nos deu todo o apoio.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

A SR^a APRESENTADORA (Alessandra Müller Gerra) - Em segundo lugar, com o artigo “Influência de um Programa de Treinamento de Aquathlon sobre a Coordenação Motora de Crianças”, a autora é Bruna Freitas dos Santos.

A SR^a BRUNA FREITAS DOS SANTOS - Boa tarde a todos. Meu nome é Bruna Freitas dos Santos, e eu vim apresentar o Trabalho de Conclusão de Curso de 2015, intitulado *Influência de um Programa de Treinamento de Aquathlon sobre a Coordenação Motora de Adolescentes*.

Algumas pesquisas têm mostrado que crianças com alto nível de coordenação tendem a se tornar crianças mais ativas. Aprofundando mais sobre o



que seria a coordenação motora, trata-se da interação entre o sistema nervoso central, sensorial e músculo-articular que, quando juntos, produzem ações precisas de rápida reação, com menor gasto energético e movimentos concisos.

As crianças e adolescentes mais ativos tendem a apresentar maiores níveis de aptidão física. Essa aptidão física tem forte relação com a menor probabilidade de doenças crônico-degenerativas, como diabetes, hipertensão, obesidade entre outras.

Dentre as diferentes possibilidades para o envolvimento das crianças com a atividade física, faz-se importante a valorização do ambiente onde vivem. No caso, este trabalho foi feito na cidade de Santos, onde há condições do ambiente para a prática das modalidades esportivas.

Santos é uma cidade litorânea, plana, com extensas faixas de areias, águas calmas e quentes. Lá as modalidades mais praticadas têm sido corrida, águas abertas, triathlon e aquathlon, que é especificamente a modalidade trabalhada.

O aquathlon é a junção de duas modalidades — a natação e a corrida. A modalidade vem crescendo na região de Santos devido às condições para a prática e por se tratar de uma modalidade de fácil acesso e baixo custo.

Algumas pesquisas têm mostrado, como a de Pereira e colaboradores (2011), o aumento da força de potência de músculos de membro inferior. Porém, esse estudo não obteve o grupo-controle, então, não se pode considerar o resultado desta pesquisa com relação ao programa de treinamento, embora tenha sido uma das pesquisas utilizadas como embasamento teórico para o trabalho.

Tendo em vista o estado obscuro sobre possíveis resultados da prática desta modalidade em adolescentes, tornam-se necessárias investigações que possam contribuir para um maior entendimento, interação de adolescentes e o aquathlon. Sendo assim, o objetivo do estudo foi analisar a influência de um programa de treinamento de aquathlon sobre a coordenação motora de adolescentes.

Após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Metropolitana de Santos, foi realizada a divulgação em escolas da região de Santos e foram agendadas duas seletivas, em que os adolescentes deveriam realizar 50 metros de natação e 500 metros de corrida.



Após a seleção, os adolescentes foram distribuídos em dois grupos, o grupo experimental e o grupo-controle, o primeiro com 11 adolescentes, e o segundo com 10 adolescentes, todos com idade de 10 a 12 anos. O critério de exclusão para a participação no programa foi o domínio da habilidade da natação.

O programa de treinamento foi realizado apenas com um grupo experimental, com duração de 12 semanas, 90 minutos por sessão — sendo 40 minutos de natação, 10 minutos de transição e 40 minutos de corrida —, com frequência de três vezes semanais. Das 12 semanas, na 1ª semana, foram realizadas as avaliações pré; da 2ª à 11ª semana, houve o período de treinamento; e na 12ª semana, as avaliações pós.

Já o Grupo Controle — GC não realizou o programa de treinamento durante essas 12 semanas, tendo sido assim divididas: avaliações pré; da 2ª à 11ª semana, eles não poderiam ter vínculo com a prática de modalidades formais, especificamente a natação e a corrida; e na 12ª semana, avaliações pós.

Para a análise dos dados, foi utilizada a análise cinemática do nado *crawl*, validada por Madureira e colaboradores em 2005, que mostra uma lista de proficiência contendo 61 possíveis erros que o indivíduo pode vir a cometer durante o nado; a análise cinemática da corrida, com algumas variáveis que podem influenciar na marcha da corrida; e, para a coordenação motora geral, o teste de KTK, de Kiphard e Schilling, 1974, contendo o salto monopedal, a marcha retaguarda, o salto lateral e a transposição lateral.

A análise estatística utilizada foi o teste de Wilcoxon, para comparação entre os dois momentos, em que o nível de significância aceito foi o de p menor ou igual a 0,05.

Resultados. Na primeira tabela, nós podemos observar as análises antropométricas, em que apenas o Grupo Experimental — GE apresentou uma diferença significativa com relação ao aumento do peso e ao aumento do IMC. Na tabela 2, ainda se constata uma comparação entre os momentos de composição corporal apenas para o Grupo Experimental, em que o Grupo Experimental apresentou uma diminuição do percentual de gordura e um aumento do percentual de massa magra, mostrando que o aumento do IMC foi devido ao aumento do percentual de massa magra.



Já na tabela 3, são mostrados os resultados relativos à lista de proficiência do nado *crawl*, contendo erros absolutos e porcentagem de aproveitamento do nado, em que ambos os grupos diminuíram a quantidade de erros absolutos e aumentaram o percentual de aproveitamento do nado.

Neste gráfico, nós podemos observar, com uma análise mais criteriosa, que o Grupo Experimental aumentou 44% com relação ao aproveitamento do nado, e o Grupo Controle, 9%, também com relação ao aproveitamento do nado.

Já na tabela 4, estão os dados relacionados à proficiência da corrida. Ambos os grupos não apresentaram diferença significativa. E na tabela 5, consta a comparação dos momentos pré e pós para o teste de KTK. Ambos os grupos, apesar do aumento do *score* no teste pós, também não obtiveram melhora significativa.

Para discutir melhor esses resultados, foram criadas duas hipóteses para esses resultados. Os objetivos esperados para o estudo eram quais? Eram: uma melhora qualitativa significativa na coordenação motora específica relativa às habilidades de nadar e correr e era uma melhora da coordenação motora geral. Foram as duas hipóteses criadas para mensuração dos resultados.

Nas Tabelas 1 e 2, nós podemos observar que o grupo experimental aumentou para 33% o percentual de massa magra, como esperado pela literatura, devido aos efeitos positivos do treinamento, no entanto esse aumento do peso possa ter influenciado em teste ou em avaliações em que o indivíduo realiza deslocamento sobre efeitos da gravidade.

No resultado da tabela 3, está relacionada à lista de proficiência do nado *crawl*, em que ambos os grupos apresentaram uma melhora da porcentagem de aproveitamento do nado. Uma hipótese, para justificar a melhora do grupo controle, foi através da observação, em que o grupo controle, durante a realização do teste da análise cinemática do nado, as demais crianças poderiam estar observando o colega realizando. Algumas das pesquisas mostram que essa observação pode influenciar na aprendizagem de indivíduos principiantes.

Na tabela 4, está relacionada a análise cinemática da corrida, que não indicou diferença significativa, no entanto o grupo experimental obteve uma melhora significativa no desempenho da simulação de aquatlon *indoor*. No final do programa,



eles realizaram um torneio de aquatlon *indoor*, e essas crianças apresentaram uma melhora significativa com relação à corrida.

Na Tabela 5, em que não foi apresentada também diferença estatística significativa com relação à coordenação motora geral, nós criamos duas justificativas: que o aumento do percentual de massa magra pode ter influenciado em tarefas cujo indivíduo atua contra a gravidade, a não semelhança das tarefas realizadas na modalidade com os testes de coordenação motora geral, e que nos momentos pré apenas uma das crianças apresentava-se em perturbação na coordenação, e, no momento pós, essa mesma criança aumentou para boa coordenação. No caso, como o programa não visou o treinamento de outros gestos motores, a não ser o nado de crawl e a corrida, o que contradiz os outros dois estudos de Piffero e de Valentini e Rudisill, que identificaram resultados positivos sobre a coordenação motora em crianças quando inseridas em programas que não lidam só com habilidades específicas, mas também com habilidades motoras gerais.

Nós podemos concluir uma melhora qualitativa da coordenação específica, a não alteração significativa das variáveis envolvendo corrida e coordenação motora geral, no entanto novas estratégias poderão ser criadas para potencializar os ganhos referentes à coordenação motora específica da corrida, além de novas pesquisas envolvendo número mais robusto de participantes, a fim de buscar melhor compreensão dos fenômenos observados.

Essas crianças atualmente fazem parte do nosso programa de treinamento da instituição onde trabalho atualmente, e foi um prazer imenso trabalhar com elas.

Obrigada. (*Palmas.*)

A SR^a APRESENTADORA (Alessandra Müller Gerra) - Agora o primeiro lugar na categoria com o título do artigo *“Incidência de Lesões em Atletas Praticantes do Futsal na Cidade de Morro do Chapéu - PI”*.

Com a palavra o autor do artigo, Tiago Magalhães Pontes.

O SR. TIAGO MAGALHÃES PONTES - Primeiramente, boa tarde aos presentes. Quero saudar o Sr. Lindberg, o Prof. Roberto e os caros colegas vencedores do concurso.

Eu sou professor de Educação Física, resido no Piauí. Da minha cidade natal, eu me desloco para 12 cidades. A pesquisa foi feita na cidade de Morro do Chapéu,



uma cidadezinha com 8 mil habitantes. Tivemos preocupação, porque a maioria dos praticantes do futsal sofre de lesões. Resolvemos buscar entender o porquê da ocorrência das lesões nesses atletas praticantes do futsal.

(Segue-se exibição de imagens.)

Tivemos como objetivo geral analisar a ocorrência das lesões em atletas praticantes do futsal na cidade de Morro do Chapéu e, como objetivos específicos: verificar os fatores que contribuem para o aparecimento das lesões — se são preparação física inadequada, falta de orientação, tipo de quadra ou tipo de calçado, tênis, utilizado pelos atletas; identificar os tipos de lesões mais comuns nos atletas praticantes da modalidade — se são entorses, lesões musculoesqueléticas; e conscientizar os atletas praticantes do esporte sobre as precauções para se evitar o risco de lesões.

O futsal é um esporte que requer muito esforço da musculatura, principalmente dos membros inferiores, pois os jogadores realizam deslocamentos intensos e com mudanças bruscas de direção. Segundo Sandoval, *“quando o atleta sofre uma lesão, o padrão neuromuscular se altera profundamente, reduzindo a performance geral do competidor, principalmente pela presença da dor, edema — ou seja, inchaço —, tensão muscular, contratura muscular, dentre outras”*.

As lesões estão relacionadas aos fatores de riscos intrínsecos, que são aqueles ligados ao próprio indivíduo, como idade, gênero, ou seja, sexo masculino ou feminino. Sabemos que, no caso feminino, o corpo da atleta é três vezes mais propenso a sofrer lesões do que o masculino. Cito a questão da flexibilidade, também, e o histórico de lesões. E há os fatores extrínsecos, que são aqueles não ligados ao indivíduo, como o tipo de quadra, o tipo de calçado, a preparação física. Gaether nos fala que *“o corpo do atleta de alto nível acaba sendo usado de forma mecânica, e o prazer de jogar muitas vezes é substituído pela necessidade dos resultados impostos pela torcida”*. A maioria dos jogadores, no calor da emoção, incentivada pela torcida, quer ultrapassar o seu limite. Às vezes consegue pôr em prática o que fez durante os treinamentos.

Os atletas amadores também querem buscar a mesma intensidade dos jogadores profissionais, mesmo faltando orientação e uma preparação física adequada. Os jogadores profissionais têm todo um amparo que lhes dá suporte para



exercer um esporte como o futsal, de alto rendimento. Os atletas amadores não têm essa preparação, mas querem, de certa forma, se igualar àqueles.

A nossa pesquisa foi realizada com 50 atletas amadores praticantes da modalidade: 25 atletas da escolinha de futsal do Município; 10 atletas de um time feminino na cidade que participa de competições regionais e estaduais; e 15 atletas, grupo de amigos, que se reúnem no período noturno e treinam pelo menos três vezes por semana o esporte.

A pesquisa teve 10 entrevistados do sexo feminino e 40 do sexo masculino — então 91% dos entrevistados foram do sexo masculino e 9% do feminino —, entre a faixa etária de 15 a 35 anos. Não ultrapassamos essa faixa etária, porque o número de lesões já seria bastante elevado; após os 35 anos, o corpo já não resiste mais a esse esporte intenso. Os participantes da pesquisa teriam que estar praticando o futsal pelos menos três vezes por semana.

A metodologia utilizada foi a descritiva, e, como instrumento para a coleta de dados, utilizou-se o questionário do tipo misto, com dez perguntas, abertas e fechadas. No mês de agosto, fizemos uma observação nesses três grupos e, nos dias 2, 3 e 4 de setembro, realizamos a nossa coleta de dados — no dia 2 com os alunos da escolinha; no dia 3 com o time feminino; e no dia 4 com os atletas amadores.

Os dados foram analisados a partir de estatísticas descritivas e apresentados através de tabelas, sendo agrupados a partir das informações coletadas.

Como podemos perceber no gráfico, questionamos a faixa etária dos pesquisados. De 50 atletas amadores, 52% estavam na faixa etária de 15 a 20 anos; 24% estavam na faixa de 21 a 25 anos; e 8% tinham mais de 31 anos. Consideramos que esses padrões estão dentro da normalidade. Geralmente a pessoa com 30 anos já construiu família e tem um trabalho fixo, então só resta o período noturno para treinamento. No caso, nem sempre o atleta vai treinar três vezes por semana, às vezes está cansado devido ao trabalho, e tem que se dedicar à família. Por isso, com o avançar da idade, o percentual de atletas vai diminuindo.

Outro questionamento foi sobre as posições em que os atletas mais sofrem lesões. Como podemos perceber no quadro, de 50 entrevistados, 17 jogavam na posição dos alas. Para quem não conhece o futsal, o esporte é composto de quatro



posições: a do goleiro, obviamente; a do fixo, jogador que fica à frente do goleiro; a do pivô, jogador que fica no ataque; e a dos alas, jogadores que jogam nas laterais da quadra. O número destes jogadores é maior por quê? Porque os alas são os que mais requerem preparo físico. Eles têm que subir — dizemos subir — ofensivamente para poder ajudar o time e ao mesmo tempo têm que retornar para a defesa. Então, fica aquela constante subida e descida em quadra, com paradas bruscas, mudanças de direções. São jogadores dos quais se requer muita garra; por isso, o índice de lesão é maior nesses atletas.

O índice de lesão no fixo, que é aquele jogador que fica mais plantado em frente ao goleiro, mas que também sofre muito contato físico, é de 26%; no pivô, que faz giro, finalização, sofre muito, 21%; e nos goleiros, devido à pouca movimentação, locomoção, também sofrem lesões, 13%. Ao contrário dos demais, as lesões são mais nos membros superiores, nas articulações de ombro, no cotovelo e no punho.

Tivemos outra pergunta sobre o movimento realizado no momento da lesão. Como podemos observar, 21% dos entrevistados disseram que a lesão ocorreu durante um chute, no momento em que ocorre a explosão da musculatura. Isso ocorre principalmente com o atleta amador, que não tem aquele hábito de fazer um alongamento, um aquecimento, não tem uma preparação física adequada e quer jogar intensamente, no mesmo nível dos demais, o que gera essa lesão.

E mais: 18% disseram que tiveram lesões durante a corrida, principalmente nas paradas; 16%, nas disputas de bola; 13%, no salto e no giro; e, por último, o menor percentual, 8%, no arremesso.

Nas nossas pesquisas, os locais com o maior teor de lesões, como podemos observar, são todos os membros inferiores. As lesões articulares ocorrem nos tornozelos, 22%, e nos joelhos, 18%; e as lesões musculares, coxa e panturrilha, 12%. Observamos também que, dos 50 entrevistados, 76%, ou seja, 36, já sofreram lesões.

Nas nossas considerações finais, constatamos que os treinamentos inadequados, a carga excessiva de treinamento, o pouco tempo de recuperação e o não hábito de alongamentos e aquecimentos são fatores que influenciam nesse alto índice de lesões; que é durante os jogos que os atletas mais sofrem suas lesões;



que os alas são os jogadores que mais sofrem lesões, devido à sua alta exigência física; que o chute é o momento mais propício de ocorrer lesões. Por isso, é importante que o atleta esteja com suas qualidades físicas adequadas, o que diminui as possibilidades de algum trauma e, conseqüentemente, permite a recuperação mais rápida da lesão.

Por fim, estes são os grupos pesquisados: a escolinha, o time feminino e o grupo dos atletas amadores.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

A SR^a APRESENTADORA (Alessandra Müller Guerra) - Agora será a categoria do esporte de alto rendimento.

Com a palavra o Domingos Rodrigues Pandeló Júnior, terceiro lugar, com medalha de bronze, autor do artigo *Modelo de Previsão de Desempenho de Triatletas com a Utilização da Análise Discriminante.* (*Palmas.*)

O SR. DOMINGOS RODRIGUES PANDELÓ JÚNIOR - Pessoal, boa tarde. Obrigado a todos. É um prazer estar aqui.

Eu vou fazer uma apresentação rápida do trabalho, cujo título já dá uma ideia. A ideia é saber o que poderia ser feito para tentar detectar talento.

Em geral, países grandes como o nosso, com uma população grande como a nossa, usam menos esses modelos, embora, por exemplo, a antiga União Soviética e a Alemanha Oriental os tivessem usado bastante. Mas, no caso do Brasil, se formos pensar num modelo para o futebol, talvez nem se precise, porque já existe um modelo e todo mundo o pratica. E, como todo mundo pratica, o talento brota, aparece.

Agora, se alguns esportes, por serem mais caros, como o triatlão, que é extremamente caro, tivessem algum modelo que ajudasse a detectar precocemente o talento, seria interessante. Digo isso pensando em desempenho, em *performance*.

Eu, particularmente, gosto de alta *performance* e trabalho com isso hoje em dia. Quando eu fiz um modelo, eu tentei fazê-lo da forma mais simples possível, de modo que pudesse ser aplicado por um treinador no interior do Brasil, sem equipamento nenhum. Então, ficaria muito melhor se nós usássemos, por exemplo, laboratórios de fisiologia para determinar as variáveis fisiológicas. Mas eu propus



aqui um modelo que pudesse ser aplicado por qualquer um, sem nenhum tipo de ferramenta adicional, pensando na aplicabilidade.

Bom, vamos começar então.

(Segue-se exibição de imagens.)

Essa é uma definição de triatleta de que eu gosto. O triatlon é composto de três esportes: natação, ciclismo e corrida, atividades que, individualmente, já são difíceis o suficiente. Então, o triatleta é o cara que não consegue entender que um deles já é suficiente.

No meu caso, eu entrei no triatlon porque eu nadava mal, pedalava mal e corria mal. Eu fazia tudo mal, mas fazia os três. *(Riso.)* Então, eu disse: “*Vou entrar nessa.*”

Esse é um desenho rápido do trabalho. Nem vou comentar aqui, porque vamos discutir isso ao longo da apresentação, mas o que eu queria é avaliar diferentes atletas de forma multivariada.

Eu quis fazer um modelo — a análise discriminante é uma técnica de análise multivariada — que analisasse mais de uma variável ao mesmo tempo. Na verdade, é uma equação, é como se fosse uma regressão, com pesos. E, em função disso, a ideia era classificar as observações em grupos.

A minha amostra foi constituída por atletas profissionais e amadores. A ideia era pegar algum atleta que não participou da amostra, rodar o modelo com ele e verificar se ele tinha mais cara, mais jeito de “pro” ou de amador. Essa era a grande ideia, buscando justamente a predição do desempenho.

Ali estão, em inglês, as variáveis antropométricas, fisiológicas e de treinamento que foram usadas. Como eu disse para vocês, são variáveis simples que qualquer um poderia usar em qualquer local.

O “n” da amostra não foi muito grande, pois é muito difícil trabalhar com o “n” grande. Em função disso, eu tive que tomar alguns cuidados na hora da estatística. Foram 7 triatletas profissionais e 14 amadores, todos do sexo feminino. Eu tinha atletas femininas, mas eu não quis misturar porque, em termos de *performance*, existe uma diferença razoável no triatlon entre a *performance* de atletas masculinos e femininos.



A técnica que eu usei foi de análise discriminante, e a ideia era justamente discriminar, tentar classificar esses atletas. Essa técnica serve tanto para predição como para descrição e dá pra tentarmos analisar o porquê de cada uma das coisas.

Esta é a parte estatística, e eu vou passar rápido.

Tomei alguns cuidados com a parte estatística como, por exemplo, verificar se a distribuição das variáveis era normal, se elas eram lineares, se não havia multicolinearidade e se a matriz de dispersão era simétrica.

Como algumas variáveis não tinham distribuição normal, até em função do ene pequeno, eu trabalhei com transformação logarítmica, usei logaritmo para tudo, para normalizar os dados.

Essas foram as variáveis usadas. Para calcular, eu usei o SPSS no nível de significância. O interessante é que, como o ene é pequeno, se vocês observarem as bolinhas ao lado, eu usei uma medida de tamanho de efeito, muito usada na área de medicina, de saúde, em que você procura ver não só a significância estatística, mas, do ponto de vista prático, o efeito daquela intervenção.

É interessante porque algumas variáveis que não foram significativas, justamente porque o ene era pequeno, do ponto de vista prático, tiveram o tamanho de efeito grande, mas, como eu não trabalhei de forma univariada, eu nem me preocupei muito com isso.

Nós trabalhamos na forma de análise multivariada, então nós tentamos encontrar uma equação que conseguisse fazer aquilo ali. Está vendo aquela bolinha lá? O que é aquela bolinha? São os grupos: amador e profissional. O objetivo da análise discriminante era justamente maximizar a variância entre os grupos e minimizar a variância dentro dos grupos, ou seja, eu queria que os grupos fossem o mais homogêneos possível, com distância entre eles. Quanto mais conseguirmos isso, melhor fica o modelo e maior a capacidade de ele discriminar um atleta entre um grupo e outro.

Observem que, se ficar muita gente naquela zona de interseção, o modelo não vai conseguir discriminar bem. É fácil acontecer isso, basta você não selecionar, por exemplo, as variáveis mais adequadas.

Eu testei o modelo. A minha amostra era pequena, e eu não tinha como deixar atletas para testar. O ideal seria pegar três grupos: um de profissionais, outro



de amadores e um pra teste. Como não dava para fazer isso, eu tive que fazer uma tal de validação cruzada.

O que eu fiz? Eram 21, eu tirei 1, rodei o modelo com os 20 que sobraram e testei em cima desse 1. Fiz isso sucessivamente. Então, todo atleta que foi testado ficou fora do modelo. Isso não dá trabalho algum, porque hoje em dia temos *software* que faz isso de forma relativamente rápida. E o percentual de acerto no modelo foi 92,9%. Em geral, esses modelos têm acertos relativamente altos.

Essa técnica que eu usei é uma das mais simples, e fiz questão de usá-la por causa disso. Existem várias outras técnicas mais sofisticadas que eventualmente podemos ter um resultado um pouco melhor.

Para fechar, a ideia era essa.

Esse é um esporte meio elitista, de que pouca gente participa. Isso não se aplica só para o triatlo, poderia ser aplicado para qualquer esporte com essa característica. Se você pudesse ter algum programa na iniciação esportiva em que conseguisse classificar ou tentar detectar precocemente o talento, isso poderia ajudar bastante no desenvolvimento futuro do atleta.

Esta é a conclusão: é possível classificar a previsão de performance de triatletas com variáveis de fácil mensuração. Como eu disse, se poderia usar variáveis mais sofisticadas e provavelmente ficaria melhor o modelo, mas o objetivo não era esse, o objetivo era fazer algo extremamente simples e que qualquer um pudesse replicar, sem a necessidade de laboratórios.

Era o que eu tinha a dizer. Foi um prazer estar aqui com vocês.

Obrigado. (*Palmas.*)

A SR^a COORDENADORA (Alessandra Müller Gerra) - E no segundo lugar, com medalha de prata, com o artigo *Correlação entre os Preditores de Desempenho em Nadadores Universitários em Protocolos de Teste de 100 Metros Nado Livre*, do Sr. Bruno Ferrari Silva.

Com a palavra o autor.

O SR. BRUNO FERRARI SILVA - Boa-tarde, pessoal.

Primeiramente, eu gostaria de agradecer o convite para estar aqui presente e parabenizar a Comissão pela iniciativa, toda a organização e principalmente os premiados da tarde. É um prazer imenso estar com vocês aqui hoje.



O título do meu trabalho é *Correlação entre os Preditores de Desempenho em Nadadores Universitários em Protocolos de Teste de 100 Metros Nado Livre*. Esse trabalho tem a minha autoria e do Professor Doutor Pedro Paulo Deprá.

Nas análises biomecânicas, principalmente, nas análises cinemáticas de desempenho, que são caracterizadas pela quantificação dos movimentos corporais, elas são de extrema importância para desempenhar um papel na preparação pré-competitiva de atletas. Os principais fatores que interferem no desempenho de atletas competitivos ou no desempenho de atletas são os índices somáticos, os quais são caracterizados pela qualificação ou quantificação desses movimentos, assim como os índices de capacidade física, que são índices relacionados à potencialidade das capacidades biológicas desses indivíduos, as quais são extremamente determinadas através das técnicas de nado, ou seja, das capacidades individuais de realização do movimento e das experiências de treinamento.

O estilo *crawl*, que é o principal estilo utilizado nas modalidades de nado livre, pode ser caracterizado através das análises biomecânicas pelos seus componentes técnicos. São caracterizados como a saída ou a largada, que é descrita como um movimento de partida em uma prova; os movimentos de braços e pernas, que são os movimentos cíclicos responsáveis pelo deslocamento no meio aquático; um movimento de respiração caracterizado não pela sua efetividade biológica, mas sim pela capacidade mecânica de redução de atrito no meio aquático; e a virada, caracterizada como o processo de retorno ou propulsão de volta na execução da distância proposta.

Além disso, existem os componentes de desempenho, que são caracterizados pelas análises cinemáticas, assim como as medidas antropométricas de flexibilidade, que são caracterizadas pelas potencialidades biológicas do indivíduo, assim como o custo energético, ou seja, a energia necessária para cumprir aquele percurso traçado, assim como as aptidões físicas de desempenho, que são caracterizadas como potência, força muscular, coordenação e agilidade de movimento.

A prova dos 100 metros nado livre, quando realizada em piscina de 25 metros, é executada em 4 vezes o percurso total da piscina, necessitando então o



atleta um condicionamento extremo das capacidades cardiorrespiratórias, assim como um sincronismo entre a força muscular e a técnica utilizada no nado durante a prova. Esse sincronismo depende principalmente de uma ativação do sistema nervoso central, a qual ele vai ativar através de uma neuromodulação da resposta motora em um processo multissensorial que envolve diferentes sistemas do nosso organismo.

Quando há extremo recrutamento de grande quantidade de unidades motoras, as quais são caracterizadas pelo recrutamento excessivo, isso pode ocasionar uma redução na capacidade de contração muscular, o que pode levar ao processo conhecido como fadiga.

O objetivo do nosso estudo foi analisar o desempenho de atletas universitários em provas de 100 metros nado livre em uma intensidade submáxima, e a partir disso objetivamos verificar as medidas antropométricas e de flexibilidade dos atletas participantes, as variáveis cinemáticas de nado e as variáveis de desempenho.

A metodologia do nosso estudo foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas Experimentais da Universidade Estadual de Maringá, onde a nossa amostra foi composta por jovens nadadores universitários de ambos os sexos que foram submetidos a medidas antropométricas de estatura e composição corporal, segundo o protocolo de Faulkner (1985) e um protocolo de testes de três séries de 100 metros nado livre na melhor eficiência de nado possível.

Verificamos a análise cinemática através das variáveis: velocidade média de nado, frequência de braçada e comprimento de braçada durante o teste, seguindo o protocolo de Caputo e colaboradores, além da análise de desempenho, que foi feita através das variáveis: aceleração, força, trabalho, potência e percentual de índice de fadiga, em adaptação do protocolo proposto por Falk e Pereira.

Na análise, todas essas variáveis foram classificadas para primeira parcial, de zero a 50 metros da prova, e de 50 a 100 metros. A estatística utilizada foi descritiva e inferencial, através do *software* SPSS, versão 24.0, onde foram utilizados os testes paramétricos, teste t e correlação de Pearson, e, quando necessário, os testes paramétricos: teste T e correlação de Pearson, quando não necessários testes não



paramétricos Wilcoxon e Spearman, considerando o P estatístico de menor que 0,05.

(Segue-se exibição de imagens)

Os resultados da tabela 1 apresentam as características antropométricas de composição corporal e de flexibilidade dos atletas que participaram do estudo em que a média de idade foi de 24 anos; peso, 72 quilos; estatura de 1,75 metros; IMC de 23,37 e um percentual de 13,05% da qual outros artigos também representam um percentual de gordura similar ao dos nossos participantes, assim como a massa magra e a flexibilidade dos atletas através do banco de Wells.

(Segue-se exibição de imagens)

A tabela 2 mostra a comparação do tempo dos participantes entre a primeira e a segunda parcial de prova em que pudemos observar uma diferença estatística significativa entre a primeira e a segunda parcial, o que mostra que em uma melhor eficiência de nado, mesmo sendo intensidade submáxima, os atletas não conseguiram manter o tempo de prova.

(Segue-se exibição de imagens)

A partir disso, a tabela 3 mostra a comparação das variáveis biomecânicas na análise cinemática, em que pudemos observar que os atletas não apresentaram uma diferença estatística em relação à frequência de braçada, ou seja, o número de ciclos por segundo. Durante a metragem proposta não houve alteração, ou seja, esses atletas conseguiram manter um ciclo similar entre as duas parciais. Entretanto, houve uma redução no comprimento de braçada entre a primeira e a segunda parcial e na velocidade de execução desse movimento, observando essa queda em relação à eficiência durante a metragem proposta.

(Segue-se exibição de imagens)

A tabela 4 mostra a caracterização das variáveis de desempenho dos atletas em que pudemos observar que todas as variáveis apresentaram uma redução significativa em relação à primeira e segunda parcial, também caracterizando essa queda de desempenho. Entretanto, a média do índice de fadiga em percentual foi de apenas 62%.

(Segue-se exibição de imagens)



A figura 1 mostra a correlação entre as variáveis de desempenho e cinemática em que pudemos observar que o percentual do índice de fadiga se correlacionou positivamente tanto com a velocidade média e aceleração demonstrando que essa variável talvez seja um possível preditor de intensidade de esforço durante um teste, assim como para essa ocasião, a potência mostrou uma relação negativa com o tempo de prova também apresentando uma relação direta entre essa variável e o desempenho na prova de 100 metros nado livre, assim como a força apresentou uma correlação positiva com o percentual de gordura que mostra que os atletas que possuíam maior massa de gordura necessitaram de uma maior força para a execução da prova.

(Segue-se exibição de imagens)

A partir disso podemos concluir que a prova de 100 metros nado livre, mesmo realizada em velocidade submáxima, apresenta indícios nos preditores de desempenho, além de a importante influência de fatores ligados à composição corporal, à resistência física e à potência muscular no desempenho cinemático de atletas universitários durante o protocolo.

Só para encerrar, eu gostaria de agradecer à Universidade Estadual de Maringá por todo o apoio durante a pesquisa, ao GTA — Grupo de Trabalho, o grupo de estudos da qual faço parte; ao LABCON, que é o laboratório fundado e coordenado pelo Professor Pedro; assim como o CEAF, o Centro de Excelência de Atividade Física da Universidade e Academia Escola, que cedeu todo o espaço físico para realização do projeto.

Obrigado. *(Palmas.)*

A SR^a APRESENTADORA (Alessandra Müller Guerra) - Agora a nossa última apresentação. O primeiro lugar, medalha de ouro, com o artigo Mecanismos Alternativos de Financiamento para Esporte de Alto Rendimento no Brasil. O autor é Rene Vinicius Donnangelo Fender.

O SR. RENE VINICIUS DONNANGELO FENDER - Boa tarde a todos.

Eu gostaria de agradecer a presença de todos que estão aqui.

Quero parabenizar a Comissão pelo concurso realizado, porque foi muito bem organizado.

(Segue-se exibição de imagens.)



Como dito, o título do meu trabalho é Mecanismos Alternativos de Financiamento para o Esporte de Alto Rendimento no Brasil.

Vou fazer um breve sumário de como se dará a apresentação dos tópicos que vou passar.

(Segue-se exibição de imagens.)

Primeiramente darei uma pequena noção do histórico da situação do Brasil. Atualmente a situação econômica do Brasil passa por um momento muito oscilante e instável. Essa diminuição da atividade econômica no País impacta tanto no financiamento público quanto no privado das confederações esportivas e ao esporte em geral.

Dado isso, é criada uma mudança no panorama dos patrocínios esportivos das confederações. Além dos patrocínios das confederações por empresas seja de cunho público, privado ou misto e outras fontes também sofreram alterações.

(Segue-se exibição de imagens.)

Outros exemplos dessa alteração são: diminuição do volume de apostas na loteria federal que, conseqüentemente, gera uma diminuição dos valores repassados ao esporte através da Lei Piva. Outro tópico seria a dificuldade de captação dos recursos necessários a fim de alcançar objetivos da lei federal de incentivo ao esporte e, por fim, um possível corte que constantemente vem sendo pauta nas reuniões no Ministério do Esporte. O corte do orçamento para o ano que vem pode gerar grandes mudanças, por exemplo, no programa do bolsa-atleta, assim como em outros convênios do Ministério do Esporte com as confederações.

(Segue-se exibição de imagens.)

Dado isso, quais foram as minhas motivações para realizar o trabalho? As motivações foram: dar continuidade ao financiamento no esporte brasileiro pós o ciclo olímpico. Eu vim com os jogos olímpicos de 2016; potencializar os investimentos feitos nas últimas décadas no esporte, que teve bastante aporte, mas, como visto, vem diminuindo e, por fim; buscar um modelo de financiamento sustentável através de mecanismos que não gerem grandes impactos econômicos ao País.

(Segue-se exibição de imagens.)



Então, de forma bem direta, o objetivo do estudo foi identificar em outros países mecanismos alternativos que contribuam com o financiamento do esporte de alto rendimento aqui no Brasil.

(Segue-se exibição de imagens.)

A metodologia usada foi de cunho qualitativo exploratório.

O meio de investigação foi a pesquisa de caráter bibliográfico e, por isso, foram realizadas pesquisas em base de materiais duplicados pelos próprios países pesquisados nos seus *sites* oficiais ou em portais do Governo.

Ao final de cada país que eu apresentar, vou fazer uma simulação, uma projeção de como a medida adotada naquele país seria, caso ela fosse adotada no Brasil.

(Segue-se exibição de imagens.)

Vou mostrar os resultados. Em um primeiro momento, foram identificados alguns países na América latina que usufruem de meios derivados de normas e leis constitucionais que regulamentam determinados mecanismos de financiamento no esporte.

(Segue-se exibição de imagens.)

Os países pesquisados, começando com a Argentina.

Na Argentina a Lei nº 26.573 criou um conselho para implementação e desenvolvimento de políticas de esporte de alto rendimento no país.

O art. 39 do cap. VI dessa lei fala que 1% do valor pago por todos os clientes no país com contrato em vigência de qualquer operadora de celular é destinado para as ações do conselho.

Então todo mundo que tem contrato com alguma operadora de celular sabe que automaticamente 1% do valor pago é destinado às ações do conselho.

A arrecadação estimada ao ano através dessa medida é de 7,24 milhões para o conselho.

Caso essa medida fosse adotada aqui no Brasil, nós poderíamos gerar 1 bilhão de reais ao ano para o esporte de alto rendimento. Isso baseado nos valores da receita bruta no setor de celulares aqui no ano.

(Segue-se exibição de imagens.)

O segundo o país pesquisado foi a Colômbia.



Nesse País existe um departamento administrativo do esporte e esse departamento possui duas fontes de recursos, uma gerada através dos impostos sobre serviço de telefonia móvel, igual ao da Argentina, e outra sobre os cigarros.

Primeiramente falarei sobre a telefonia. O art. 512.2 do Estatuto Tributário da Colômbia diz que os serviços de telefonia, dados, Internet e navegação móvel são taxados em 4% sobre a totalidade do serviço. Então, seria o mesmo sistema da Argentina. Dessa porcentagem, 70% são destinados para o esporte e 3% para a cultura.

Então esses 70% destinados ao esporte seriam uma arrecadação aproximada de 32,6 milhões ao esporte na Colômbia.

Caso tal medida fosse adotada aqui no Brasil, poderíamos ter arrecadação de verba de praticamente 2,8 bilhões por ano.

(Segue-se exibição de imagens.)

O segundo tópico, o primeiro foi o da telefonia, são os impostos sobre o cigarro.

Segundo a Lei nº 30, de 1971 cada maço de cigarro nacional ou estrangeiro na Colômbia é taxado em 10% do seu valor. Foi realizado um decreto em 2016 que do total do imposto taxado sobre os cigarros a porcentagem destinada ao esporte é de 16% e o restante é de destinação livre.

Eu não consegui encontrar os valores arrecadados na Colômbia, mas caso a medida fosse adotada no Brasil a projeção é de que quase 4 bilhões fossem destinados ao esporte. Isso baseado no valor na receita bruta da indústria tabagista aqui no Brasil no ano de 2013.

(Segue-se exibição de imagens.)

O terceiro país pesquisado foi a Costa Rica. Segundo a Lei Geral de Controle do Tabaco e seus efeitos nocivos à saúde estabelece que 10% do imposto do tabaco sejam destinados ao Instituto Costarricense de Esporte e Recreação para o cumprimento das funções vinculadas ao esporte e recreação no país.

Então, na Costa Rica, a arrecadação aproximada a partir dessa lei é de quase 20 milhões ao ano e caso a medida fosse adotada aqui no Brasil nós poderíamos conseguir 2,5 bilhões de reais ao ano para o esporte de alto rendimento.

(Segue-se exibição de imagens.)



O quarto país é a Bolívia que tem esquema praticamente igual ao dos outros em relação ao cigarro, mas 10% do taxado sobre as bebidas alcoólicas do país estão destinados integralmente ao tesouro geral da nação para o desenvolvimento das atividades esportivas na Bolívia.

A arrecadação na Bolívia com a taxação das bebidas alcoólicas é de 5 milhões ao ano e, caso a medida fosse adotada no Brasil, nós poderíamos gerar 6,5 bilhões ano considerando o mercado do setor de bebidas no Brasil no ano de 2014.

(Segue-se exibição de imagens.)

Por fim, falarei do Peru.

A Lei nº 27.796 declara que 10% dos impostos sobre a exploração dos jogos de cassino e caça-níqueis são destinados ao Instituto Peruano de Desporto, para realização das atividades do esporte no país, como infraestrutura esportiva, implementação de material esportivo como o esportivo, como o esporte de alto rendimento em geral.

A arrecadação aproximada no Peru a partir desta lei é de quase 30 milhões ao ano. Ali estão os dados de 2016.

Como o Brasil ainda não possui uma lei que legalize a exploração de jogos de azar, eu não consegui fazer a projeção aqui no Brasil dessa medida, mas em trâmite está o Projeto de Lei do Senado nº 186 de 2014 que dispõe sobre a exploração de jogos de azar em todo o território nacional. Então vamos esperar primeiro a exploração e jogos de azar ser legalizada no Brasil para fazer tal projeção aqui, mas creio que sejam também valores bem altos como os outros aqui apresentados.

(Segue-se exibição de imagens.)

Então, como conclusões bem diretas do trabalho, entendemos que todos os países pesquisados apresentam alternativas de financiamento por meios que não sejam repasses diretos do Governo, ou seja, são usadas sobretaxas ou percentual de tributo sobre produtos e serviços, principalmente, como vocês puderam notar, sobre serviços que gerem danos à saúde, como cigarro e bebida alcoólicas.

Por fim não coube ao estudo avaliar o resultado da eficácia, da eficiência ou do aproveitamento de tal medida em tal país, foi apenas para tentar fazer alguma projeção de como tais medidas poderiam ser benéficas para o esporte de alto rendimento no Brasil.



Contudo, é possível chegar à conclusão de que todos os países adotaram os mecanismos com intuito de desenvolver o esporte de alto rendimento.

Então, é isso.

Obrigado. (*Palmas.*)

A SR^a APRESENTADORA (Alessandra Müller Guerra) - Agora, com a palavra, o Secretário Executivo da Comissão do Esporte o Sr. Lindberg Aziz Cury Júnior para fazer as considerações finais.

O SR. LINDBERG AZIZ CURY JÚNIOR - Bom, primeiramente queria agradecer novamente a vocês os vencedores, aos familiares que estiveram aqui presentes prestigiando.

Acho que iniciamos uma nova etapa de interação com o meio acadêmico e já queria até convidá-los para um evento amanhã aqui na Comissão. Eu sei que muitos de vocês vão retornar para os seus Estados, mas lembro que eu falei para vocês dos mecanismos que temos aqui na Comissão de audiência interativa. Amanhã teremos um debate sobre a criação da universidade do esporte no Brasil que será comandada pelo Deputado João Derly, membro da Comissão, nosso judoca campeão do mundo. Trata-se de um debate que vai também plantar uma semente de algo que a Comissão tem estudado, tem discutido internamente e vamos dar esse passo à frente. Então convido todos vocês a participarem virtualmente, os que estão aqui em Brasília, se puderem vir, ótimo, os que não são daqui podem participar pelo nosso chamado portal e-Democracia que permite essa interatividade por meio das audiências interativas, a partir de amanhã às 15 horas.

Quero pedir desculpas em nome do Deputado Ezequiel Teixeira, que é o Presidente da Comissão, da Deputada Flávia Moraes, que foi uma das julgadoras participantes da Comissão julgadora. Os dois tiveram problemas hoje; ela, na viagem de Goiânia para cá; e ele, no voo do Rio de Janeiro para cá. Eles não puderam comparecer.

Quero agradecer também ao pessoal da Comissão de Esporte a Olla, Roberto, a Alessandra por ter nos ajudado, Regina, Cristiane que está ali do lado, o João que está nos auxiliando, Gilson também que é um colega que cuida dessa parte da interatividade da Comissão; o Marcelo, que é nosso colega triatleta que está de férias e infelizmente não pôde assistir hoje ao resultado. Viu, Domingos, se



você tivesse já protocolado ele nos testes você ia detectar um talento nato para o triatlão, lembrando a questão da interação com todas as áreas da casa.

Quero agradecer novamente à Secretaria de Comissão por esse trabalho maravilhoso dos diplomas e toda a comunicação que foi feita, do nosso centro de informática que possibilitou o sistema que permitiu a organização do concurso, nosso Diretor-Geral que esteve presente aqui, o Departamento de Comissões também esteve presente aqui dando todo o apoio necessário e administrativo, para que pudéssemos realizar esse concurso.

Gostaria de convidar vocês a participar da página da Comissão de Esporte. Vocês vão encontrar os vídeos, os áudios, em breve, as notas taquigráficas deste evento e de todos os eventos que a nossa Comissão organiza e organizará daqui para frente.

Passo a palavra para a nossa Mestre de Cerimônia para fazer o encerramento deste evento.

A SR^a APRESENTADORA (Alessandra Müller Guerra) - Encerramento oficial:

Nada mais havendo a tratar, agradecemos a presença de todos e declaramos encerrada a cerimônia de premiação do I Concurso de Artigos da Comissão do Esporte da Câmara dos Deputados. (*Palmas.*)